

# Nos Bastidores do “Drama em Gente”: etapas da Evolução dos Heterónimos à luz da correspondência órfica

Rui Sousa\*

## Keywords

Fernando Pessoa, Correspondence, Heteronyms, *Orpheu*.

## Abstract

The heteronyms constitute one of the most remarkable expressions of Portuguese Modernism. In this paper, we will try to analyze in which extent the correspondence Fernando Pessoa established with other *Orpheu* poets contributed to the development of this project. The letters show the various stages in the development of the heteronyms and relevant evidences of the reception of the heteronyms by Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Guisado and Côrtes-Rodrigues, and of their complicity in the genesis of the future “drama em gente”.

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Correspondência, Heterónimos, *Orpheu*.

## Resumo

Os heterónimos constituem uma das mais singulares expressões do Modernismo português. Neste texto, procuraremos analisar em que medida a correspondência mantida com outros colaboradores de *Orpheu* contribuiu para o desenvolvimento desse projecto pessoano. As cartas documentam as diferentes fases relevantes no desenvolvimento dos heterónimos e da interacção por eles mantidas, assim como evidências da recepção que tiveram junto de Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Guisado e Côrtes-Rodrigues e da complicidade destes na génese do futuro “drama em gente”.

---

\* Clepul (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa).

No dia 13 de Janeiro de 1935, na célebre missiva a Adolfo Casais Monteiro (e na subsequente, enviada seis dias mais tarde), Fernando Pessoa fixou uma parte considerável da mitologia ligada aos heterónimos, à sua origem, identidade e complexa estrutura relacional, criando simultaneamente o tão debatido momento fundador a que continuamos – e certamente continuaremos – a chamar “o dia triunfal”<sup>1</sup>. A dimensão alcançada por esta carta deve-se, para além da amplitude das considerações nela desenvolvidas por Pessoa, também ao facto de que, quando publicada no número 49 da revista *presença*, em Junho de 1937, constituía, a par da importante “Tábua Bibliográfica” (1928), publicada nove anos antes na mesma revista, um raro documento do poeta a respeito de um dos mais salientes aspectos da sua intervenção artística<sup>2</sup>. Nesta abordagem, na qual procuraremos pensar alguns dos contributos da correspondência de Pessoa para a definição do fenómeno heteronímico, considerando as cartas que trocou com os companheiros da aventura modernista, não nos deteremos particularmente neste exemplo fundamental, optando por evidenciar outras missivas que nos parecem igualmente incontornáveis.

Antes de mais, será importante atentar na íntima relação que se estabelece entre a escrita de cartas e o emergir do fenómeno que, potenciado até às últimas consequências, conduziria ao “dia triunfal”. É, como nota José Augusto Seabra, desde a presença infantil do Chevalier de Pas, que a heteronímia se manifesta “como escrita, como linguagem” (Seabra, 1988: 50); e é de acordo com o imaginário específico do epistolográfico, “texto escrito que colmata uma separação” (Zenith, 2007a: 11), que o desdobramento acontece. Também terá sido por esta via que se terá manifestado essa “outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em quê, um rival do Chevalier de Pas” (Pessoa, 1999b: 341-342), uma figura que deixa perceber que na infância de Pessoa existiu uma significativa rivalidade entre dois correspondentes do mesmo sujeito nuclear.

---

<sup>1</sup> A respeito desta carta, veja-se: Pessoa (1998: 251-262). A correspondência mantida entre Fernando Pessoa e os directores da *presença*, que não comentaremos neste texto, é também ela exemplar da tão constante tendência pessoana para introduzir os diferentes níveis de trabalho a partir da heteronímia (ou heteronimismo) no seio do discurso epistolar – os heterónimos são apresentados, debatidos e finalmente edificados enquanto complexa estrutura, para cuja origem são apresentadas várias possibilidades conjugadas. Como observa Enrico Martines no importante estudo que abre o volume, estas cartas documentam também o modo como Pessoa tinha discursos bastante distintos consoante o seu interlocutor, mesmo no âmbito restrito do contacto com a geração da revista coimbrã que deu a conhecer alguns dos seus mais importantes poemas e, de modo bastante significativo, muitos daqueles em que mais abertamente expõe algumas das suas ideias poéticas no quadro da teoria da despersonalização dramática.

<sup>2</sup> Consultem-se algumas edições recentes em que a “Tábua Bibliográfica” é integrada no contexto da exposição da amplitude de personalidades e apontamentos a respeito dos heterónimos, como *Teoria da Heteronímia* (Pessoa, 2012a: 227-229) e *Eu Sou Uma Antologia* (Pessoa, 2013: 638-640).

A epistolografia, enquanto forma de comunicação, de partilha e de construção progressiva de relacionamentos pessoais com diferentes graus de proximidade, possuiria características certamente muito do agrado de um escritor como Fernando Pessoa. Antes de mais, a sua estrutura é à partida particularmente flutuante, sobretudo por não existir um padrão que limite o alcance daquilo que o autor pode ir introduzindo nas cartas ao sabor dos destinatários, das necessidades e dos objectivos de cada momento. Nas cartas podem alternar, e conjugar-se, confessionalismo, reflexões sobre a própria obra, a do destinatário e as de outros, demonstrações de virtuosismo literário, comentários da ordem do quotidiano, notícias sobre a realidade social, política e cultural, podendo também acompanhá-las textos literários comentados ou para os quais se pedem, estabelecido que foi o fio comunicativo essencial, futuras observações. Essa pluralidade de registos convivendo num único documento assemelha-se à busca de diferentes possibilidades de expressão de um único eu que justifica em grande parte o projecto heteronímico. Em *Eu Sou Uma Antologia*, por exemplo, Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari procuram demonstrar a relação entre a precocidade com que Pessoa esboça a "mobilidade" do seu "teatro existencial" e a vertente lúdica das brincadeiras infantis do poeta, a sua tendência para listar nomes de *dramatis personae* responsáveis por livros ou jogos e a vertente mediática dessa prática, exposta na correspondência e na elaboração de jornais em que se manifestaria "o diálogo cúmplice entre os seus colaboradores imaginários" (Pessoa, 2013: 29).

Andrée Rocha, em *A Epistolografia em Portugal*, acentua como "particularmente espinhosa a questão dos limites da carta", pois "se nos debruçarmos sobre os textos, deparamos com legítimas parcelas de descrição, de doutrina, de diálogo e mesmo, ocasionalmente, de poesia intercalada – isto é, confundem-se, por momentos, com qualquer das formas literárias" (Rocha, 1985: 25). O que se tornará ainda mais flutuante e complexo se lembrarmos que, no contexto de *Orpheu*, as cartas-ficção ocupam também um espaço importante, ou se, com Fernando Cabral Martins, virmos em muitos delas "mais do que um complemento documental da sua literatura, um continente novo dela", dado que "os seus modo de circulação e modelo de escrita tornam-se também modos de ser novos da poesia – capazes de subsistir para além do tempo da comunicação pragmática" (Martins, 1997: 70). A verdade é que as cartas, para serem reconhecidas, exigem como únicos requisitos aspectos que, apontando para uma certa concretude – sobretudo a definição de um destinatário, a datação e a assinatura, elementos que, utilizando a expressão de Abel Barros Baptista, caracterizam os "géneros ditos da personalidade" (Baptista, 2003: 16-17), em que o vínculo entre quem escreve o documento e o seu conteúdo é mais forte do que nas produções literárias –, também permitem, entre outros, corporizar destinadores e destinatários ficcionais, integrando-os no quotidiano que esses mesmos pormenores intensificam.

Como observa Ettore Finazzi-Agrò no seu importante estudo *O Alibi Infinito*, a constituição dos heterónimos encontra-se intrinsecamente ligada ao impulso pessoano de problematizar a nitidez da fronteira entre a realidade e a ficção, propiciando a interação entre textos e figuras dotadas de uma biografia, um percurso histórico e um contexto pertencentes aos dois domínios. Este circuito dialógico ganha maior impacto a partir do momento em que nos apercebemos de que o projecto que, desde muito cedo, conduziu o autor a ficcionalizar expressões individuais geradas no seu pensamento<sup>3</sup> se processa, com ramificações e uma comum atenção ao discurso, tanto internamente, com as várias peças que definem a estrutura do núcleo restrito da pequena comunidade a que mais propriamente se adequa o termo "heterónimo", como no contacto com o exterior, indirecto – por exemplo quando um dos heterónimos se dirige a um autor real, como na "Saudação a Walt Whitman" de Álvaro de Campos, ou nas aproximações que Pessoa estabelece entre Alberto Caeiro e Cesário Verde – e directo, ocupando nesta vertente a correspondência um lugar preferencial. Que seria ainda mais significativo se, além dos prefácios de Ricardo Reis previstos para a edição das poesias de Alberto Caeiro, ou das "Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro", de Campos, Pessoa tivesse ponderado ou escrito cartas enviadas pelos heterónimos uns aos outros<sup>4</sup>. Ora, esse processo de ficcionalização tem a mesma importância de outras intervenções tão relevantes como as cartas do engenheiro sensacionista, missivas que documentam reacções críticas aos opositores de *Orpheu*<sup>5</sup>, e os diálogos internos que procuram mais ou menos implicitamente destacar as diferenças de alcance entre *Orpheu* e a *Contemporânea*<sup>6</sup>, ou mesmo os encontros e desencontros entre Pessoa e Ofélia Queiroz, por um lado, e Pessoa e os jovens presencistas que procuraram conhecê-lo em Lisboa, por outro. Ettore Finazzi-Agrò sublinha as diferentes valências deste projecto comunicativo com

---

<sup>3</sup> Lembremos por exemplo, no que se relaciona com a vertente da génese dos heterónimos que interage com o universo intelectual pessoano e portanto com o impacto que as muitas vertentes da sua cultura elaborada a partir de uma curiosidade proteiforme e que acompanhou o percurso existencial do poeta, o ensaio em que Patricio Ferrari analisa com grande rigor o impacto da biblioteca de Fernando Pessoa no momento em que começou a definir-se, por via da leitura de determinados assuntos e da atribuição de livros a diferentes personalidades, a futura elaboração estrutural dos heterónimos (Ferrari, 2009).

<sup>4</sup> Leiam-se as observações de Jorge Uribe a respeito das "Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro": "No texto manifestam-se os vários níveis da ficção que Pessoa criou através da sua escrita e apresenta-se, no seu conjunto, um texto heterogéneo que refere poemas, estudos, comentários, entre outras formas que a proteica obra pessoana adquiriu" (Pessoa, 2012b). Arriscamos observar que só lhe faltariam mesmo alguns ensaios de correspondência trocada entre os heterónimos, por exemplo dando a conhecer uns aos outros a morte do Mestre Caeiro, para que as vertentes da obra pessoana estivessem todas integradas neste conjunto de "Notas", evidenciando a unidade de todas essas diversidades.

<sup>5</sup> Vejam-se as cartas enviadas ao Director do *Diário de Notícias*, em 04-06-1915, ao Director de *A Capital*, em 06-07-1915.

<sup>6</sup> Ver a carta enviada a José Pacheco, e publicada no n.º 4 da *Contemporânea*, em 1922.

permanentes ecos internos e mais pontuais mas significativas incursões públicas, lembrando por um lado "a constante permuta de papéis entre os diversos personagens" que, "longe de serem só *autores*, tornam-se também *leitores* um do outro e *actores*, em geral, do drama polifónico entre eles estabelecido" (1987: 53; itálicos do autor) e, por outro, assinalando a "instância poético-expressiva" que resulta da conjugação entre figuras reais e fictícias, exibindo a sua "fronteira convencional" (1987: 54). Parece-nos também significativo que, no mesmo estudo, o ensaísta dedique atenção decisiva à correspondência e ao investimento que Pessoa faz nesse veículo comunicacional, utilizando-o como "expediente para se mitificar a si mesmo, para se fazer texto mesmo num âmbito aparentemente metatextual (histórico e verosímil)" (1987: 109).

A carta possui também uma intrínseca vertente dramática, na medida em que o eu que escreve se encena de acordo com as coordenadas e as considerações que tece, tendo também plena consciência da distância espacial e temporal que separa as duas vozes autónomas que se mesclam no próprio corpo do (s) texto (s) e do impacto que terá no destinatário, moldando potenciais reacções. No caso da referida carta pessoana de 13 de Janeiro de 1935, de resto, e aqui encerramos a citação de documentos do diálogo com a *presença*, essa encenação vai da referência ao elemento material em que a escrita é concretizada à sugestão do ritmo a que a escrita se vai dando, à disposição do sujeito ao longo do percurso, e mesmo à identificação e desconstrução das potenciais reacções do destinatário.

Finalmente, entre outros aspectos, não é de esquecer o profundo impacto que o contacto regular com destinatários próximos do imaginário cultural pessoano tiveram na sua actividade literária (e vice-versa). Foram cartas que propiciaram o contacto regular com amigos mais ou menos distantes (por exemplo Armando Côrtes-Rodrigues ou Alfredo Guisado, aquando das suas estadias nos Açores e na Galiza, e sobretudo Mário de Sá-Carneiro, no seu périplo parisiense<sup>7</sup>), abrindo um importante caminho à influência cruzada das vozes e, como algumas cartas evidenciam, ao papel de Fernando Pessoa enquanto núcleo comumente

---

<sup>7</sup> Mário de Sá-Carneiro correspondeu-se com Fernando Pessoa, a partir de Paris, desde 16 de Outubro de 1912, data em que responde sinteticamente a um comentário do amigo que, como é sabido, não poderemos conhecer. Desde muito cedo se percebe a partilha cúmplice da evolução de estados de espírito problemáticos e da surpresa mútua pelo que cada um vai descobrindo dentro de si ou no contacto com a obra do interlocutor. Depois de uma estadia em Lisboa que vai de 23 de Junho de 1913 a Junho de 1914, período que nos últimos meses coincide de algum modo com o momento que Pessoa, à distância de mais de duas décadas, mitificaria como "da triunfal", Sá-Carneiro volta a corresponder-se com o amigo a partir de Paris, de onde dará a conhecer os primeiros ecos de conhecimento dos heterónimos. Finalmente, e depois do derradeiro período de convívio presencial entre Setembro de 1914 e Julho de 1915, o diálogo continuaria até à prematura morte do autor de *A Confissão de Lúcio*. A correspondência entre Pessoa e Armando Côrtes-Rodrigues, também numerosa e importante, e as cartas conhecidas trocadas entre os demais poetas de *Orpheu*, prolongam-se sobretudo de Março de 1913 a Setembro de 1916, sendo conhecidos apenas alguns casos posteriores.

aceite de um programa em desenvolvimento, que também passou pela cumplicidade relativamente ao "drama em gente" (expressão incluída na "Tábua" de 1928).

Começamos por cartografar, na correspondência pessoana, alguns documentos especialmente decisivos no percurso de prenúncio, concretização e desenvolvimento da heteronímia (ou heteronimismo). Numa carta de 1 de Fevereiro de 1913 para Mário Beirão, poeta ligado ao movimento da *Renascença Portuguesa* com o qual Pessoa manteve uma relação de mútua admiração, ecoam os primeiros sinais evidentes da profusão intelectual que, em parte, se concretizou no complexo projecto da heteronímia e que o poeta descreve deste modo:

V. dificilmente imaginará que Rua do Arsenal, em matéria de movimento, tem sido a minha pobre cabeça. Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projectos, fragmentos de cousas que não sei o que são, que não sei como começam ou acabam, relâmpagos de críticas, murmúrios de metaphysicas... Toda uma literatura, meu caro Mario, que vae da bruma para a bruma, meu caro Mário, que vai da bruma – para a bruma – pela bruma...

(Pizarro, 2009: 10-11)

Esta descrição, e a referência que logo depois fará ao "fenómeno curioso do desdobramento" como processo habitual que estava a experimentar com invulgar grau de intensidade" (Pessoa, 1999a: 80), aponta para a singularidade daquele momento, surpreendente e ainda perturbador, por não se encontrar completamente dominado e devidamente estruturado, mas onde sobressaem as direcções da dispersão essenciais à heteronímia: ela é estética, linguística, intelectual, filosófica.

Cerca de dois anos depois, numa das mais relevantes cartas dirigidas a Armando Côrtes-Rodrigues, que terá partilhado com Mário de Sá-Carneiro um lugar cimeiro na recepção das considerações pessoanas a respeito da sua obra, o que neste momento embrionário é definido como uma caótica emanção de procedimentos mentais encontra desenvolvimento no assumir por Pessoa da necessidade de transformação da sua atitude perante a existência e o posicionamento da sua obra face a ela, novamente motivada por uma crise – da "crise de abundância", vivida num momento em que se define, "quanto a companhia espiritual e imediata, quase só, só em absoluto" (Pessoa, 1999a: 79), passamos a outra "do género das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós-próprios" (Pessoa, 1999a: 139). A crise parece sobressair como condição aparentemente fundamental para o confronto do poeta com a sua produtividade e com os rumos e exigências que esta vai assumindo, e de alguma forma poderemos ver na heteronímia, entre outras coisas, uma das emanções (ou mesmo o resultado necessário) da sequência destas crises internas, das suas diferentes formas e das soluções encontradas para as solucionar<sup>8</sup>. Inicialmente derivando da dificuldade de

<sup>8</sup> Na sua recente recolha de ensaios, *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*, António Feijó apresenta os heterónimos como uma das formas de Fernando Pessoa conseguir responder ao

conviver consigo próprio e da súbita compreensão de um estado de radical abertura da consciência criadora, a crise é agora, depois de mais apto a conseguir estruturar os seus diferentes compartimentos – “a minha, gradualmente adquirida, auto-disciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu carácter eram susceptíveis de harmonização” –, espelhada no confronto com o exterior: “Temos pois que vivo há meses numa contínua sensação de incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam” (Pessoa, 1999a: 139-140). E novamente apresentada geograficamente, de acordo com uma ideia de movimento, agora interrompido:

Regresso a mim. Alguns anos andei viajando a colher maneiras-de-sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade. Oxalá me [não] desvie disto o meu perigoso feito demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si próprio e sem nexos dentro de si.

(Pessoa, 1999a: 142)

Em 1913, os múltiplos resultados dessa literatura “que vai da bruma para a bruma” ainda não tinham uma definição reconhecível que os enquadrasse. A 19 de Janeiro de 1915, meses antes de ser publicado o primeiro número da revista *Orpheu*, e depois de os heterónimos serem já plenamente conhecidos dos companheiros e por eles comentados, é perfeitamente natural que este “regresso a mim” que é directa resposta a uma multiplicidade de direcções seguidas e depois devidamente apreendidas e reunidas, e a profunda missão intelectual que o exigiu e o passará a orientar, conduza à necessidade de reafirmar a heteronímia como sua expressão máxima, utilizando significativamente a expressão “toda uma literatura” que surgira nas considerações dirigidas a Mário Beirão<sup>9</sup>:

---

choque com Teixeira de Pascoaes e a supremacia deste no quadro da Renascença Portuguesa, enquadrando essa situação num estado de crise: “Em março de 1914, Pessoa ainda se encontra, com reserva mental, aliás, entre os colaboradores de *A Águia* (a carta de rutura a Álvaro Pinto é de 12 de novembro desse ano). Os heterónimos que nesse ano se sucedem são uma contra-Renascença interiorizada, um reflexo do círculo celebratório que *A Águia* descreve em torno de Pascoaes (O que não se faz sem custos: de janeiro a junho de 1915, Pessoa atravessa uma depressão profunda.) A magnitude do precursor regula o ritmo de criação dessas figuras” (2015: 54). E, no ensaio seguinte: “Na equação dos seus heterónimos Pessoa foi compelido pela necessidade de emular o movimento da *Renascença Portuguesa*, reunido em torno de Teixeira de Pascoaes. O simpósio que reúne os heterónimos foi conjeturado como versão rival de *A Águia*, a revista em que uma série de discípulos assiduamente celebrava o génio de Pascoaes. Alberto Caeiro e discípulos são uma seita única, um mimetismo interno de *A Águia*, elevando-a sinteticamente à modernidade. A composição e natureza exuberante dos heterónimos de Pessoa são função da magnitude de Pascoaes” (2015: 62).

<sup>9</sup> Lembremos que esta fórmula terá outras expressões, por exemplo em “Aspectos”, em que, justificando, explicando e definindo os heterónimos, dá como uma das causas para a sua gestação a reacção a um contexto em que “com uma tal falta de literatura como há hoje, que pode um homem de génio fazer senão converter-se, ele só, em uma literatura?” (Pessoa, 2012a: 217).

Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonicamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros.

(Pessoa, 1999a: 142)

Antes de prosseguirmos, parecem-nos necessários três apontamentos a respeito desta carta: uma referência ao recente contributo exegético de Nuno Amado, que lê de forma bastante controversa e oportuna a incompatibilidade pessoana face aos que o cercam; um atentar no termo que Pessoa utilizou para se referir ao processo ao qual deu forma, que só muito tarde designou com termos que se aproximam da "heteronímia" que utilizámos até aqui e ao qual o poeta nunca recorreu; e a noção, que as imagens subsequentes documentam, de que "toda uma literatura" ecoa noutros apontamentos pessoanos.

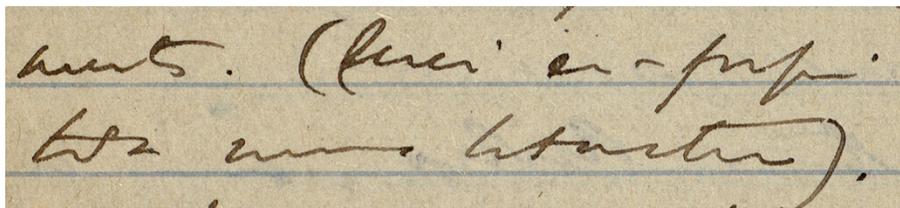


Fig. 1. "(Serei eu-proprio toda uma literatura)"  
(BNP/E3, 144A-19<sup>v</sup>) (Pessoa, 2009: 296)

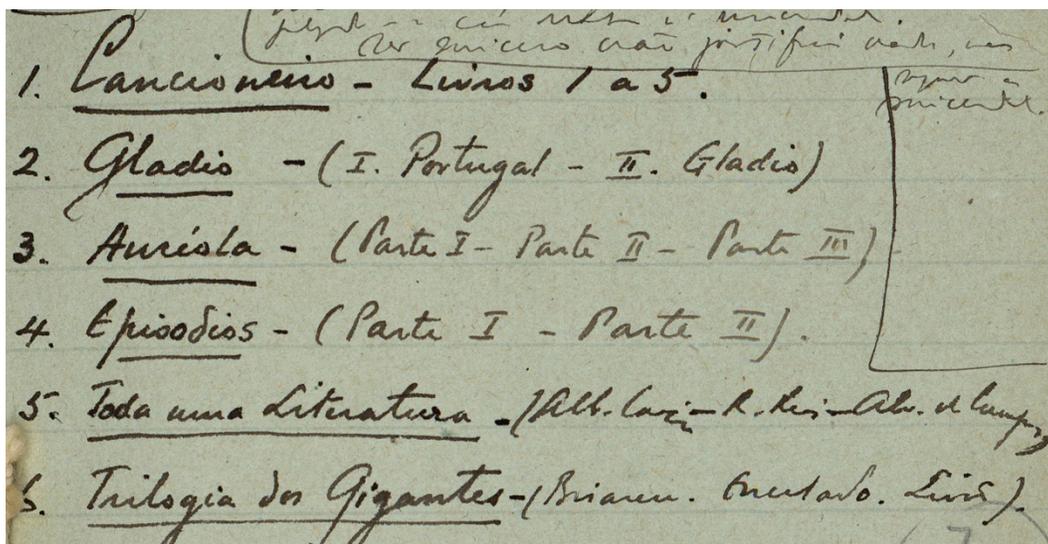


Fig. 2. Toda uma Literatura - (Alb[erto] Caeiro - R[icardo] Reis - Alv[aro] de Campos)  
(BNP/E3, 144C-11<sup>r</sup>) (Pessoa, 2009: 576)

Na sua comunicação "Orpheu... e Eurídice", apresentada no âmbito do Seminário Aberto *Assuntos Órficos*, no dia 5 de Março de 2015, Nuno Amado comentou a expressão "vivo há meses numa contínua sensação de incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam", que já citámos, integrando-a na sequência do núcleo de missivas dirigidas a Armando Côrtes-Rodrigues que dizem respeito ao período que vai de 2 de Setembro de 1914, em que declara atravessar "um período de crise na minha vida" motivado pela "necessidade de dar ao conjunto da minha orientação, tanto intelectual como «existente na vida», uma linha metódica e lógica" (Pessoa, 1999a: 121-122), a 19 de Janeiro de 1915, data em que se inclui essa relevante afirmação; a sua leitura propõe que a questão da heteronímia, entendida não tanto enquanto conjunto de poemas dos heterónimos publicados nas revistas, mas sobretudo no que respeita à constituição do diálogo interno relacional que conhecemos como "drama em gente", e que em boa parte só foi devidamente avaliada postumamente, representa a descoberta por Pessoa de uma solução ao desconforto que a certa altura começa a sentir face ao contexto vanguardista em que elaborou os "ismos" que marcariam *Orpheu*, em particular o paulismo, de que se demarca por considerar que pertence a um domínio da sua obra correspondente à "ambição grosseira de brilhar por brilhar, essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer *épater*" (Pessoa, 1999a: 141). A crise de incompatibilidade seria assim mais uma das expressões de reserva quanto ao domínio das Vanguardas, num período em que uma crise espiritual aguda e persistente, nos meses imediatamente subsequentes ao emergir e definir dos heterónimos, se decide num projecto ambicioso de orientação íntima da sua criação, sobretudo daquela que não coincide exactamente com uma boa parte do que *Orpheu* representaria.

Não concordando exactamente com esta ideia de que *Orpheu* é um espelho exacto da atitude criticada por Pessoa neste passo da carta ao poeta açoriano, que consideraria muito mais adequada a uma revista como *Portugal Futurista*, por exemplo, ou mesmo à *Contemporânea*, que Pessoa não deixa de distinguir do espírito de *Orpheu* em pelo menos duas ocasiões (em especial quando se dirige, em 1923, ao mesmo Côrtes-Rodrigues), parece-me uma leitura extremamente relevante, que, devidamente desenvolvida, poderá ajudar a explicar, entre outras coisas, o perfil da revista *Athena* e do que nas suas páginas se dá a conhecer, muito mais próximo do projecto enunciado por Pessoa nesta carta de Janeiro de 1915, assim como a persistência pessoana na elaboração de prefácios, notas e outros projectos que dão expressão à plural interrogação da existência que assume como missão. Não será alheia a este contexto a lúcida observação de Ettore Finazzi-Agrò, quando observa, a respeito da esmagadora dimensão da obra pessoana postumamente publicada:

[...] foi somente nessa altura que a intenção significativa que tinha montado uma representação a várias vozes dentro da qual miticizar a sua identidade, pôde ser apreciada em toda a sua complexidade. E o burburinho suscitado pelo impacto do escritor com uma audiência alargada tornou-se inversamente proporcional ao desconhecimento que lhe foi reservado em vida, provocando, como todos os portadores de escândalo, uma espécie de desorientação crítica de que me parece que se sentem ainda alguns efeitos.

(Finazzi-Agrò, 1987: 100)

Quanto ao segundo aspecto, é necessário notar, com Jerónimo Pizarro, que "Pessoa nunca utilizou o conceito de «heteronímia»" (Pizarro, 2012: 73), nem mesmo em documentos decisivos para a sua definição como a "Tábua Bibliográfica", de 1928, em que estabelece a distinção entre "duas categorias de obras, a que poderemos chamar orthónymas e heterónymas" e entre o segundo termo e o de "obra pseudónyma" (Pessoa, 2013: 638); a célebre carta de 13 de Janeiro de 1935, em que utiliza o termo "heteronimismo" como designação do processo; ou no possível prefácio elaborado para as *Ficções do Interlúdio*, em que recorre a termos como "figuras", "desdobramentos de personalidade", "invenções de personalidades diferentes" para se referir a este domínio da sua revolucionária criação literária (Pessoa, 2012a: 236-240). Na carta de Janeiro de 1915 a Côrtes Rodrigues, por exemplo, a própria distinção entre "heterónimo" e "pseudónimo" é pouco clara, pois o poeta reafirma a intenção de "lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos" (Pessoa, 1999a: 142)<sup>10</sup>. Seria ainda interessante ter em consideração os ecos deste debate em contextos distintos, como o prefácio em que Eduíno de Jesus apresenta a poesia de Armando Côrtes-Rodrigues e, referindo-se a Violante de Cysneiros, observa que foi o próprio poeta a fazer a transição do termo "heterónimo", utilizado na reimpressão dos poemas no volume *Cantares da Noite*, em 1942, para "pseudónimo", opção tomada aquando da elaboração da *Antologia de Poemas* de Armando Côrtes-Rodrigues, de 1956. A este respeito, comenta o prefaciador: "Violante de Cysneiros é um pseudónimo. Enquanto os heterónimos de Pessoa e de Machado se explicam por uma espécie de desdobramento de personalidades literárias, [...] Violante de Cysneiros é um nome suposto do poeta Armando Côrtes-Rodrigues. Uma circunstância, que nada tinha que ver com a questão da personalidade, o determinou" (Jesus, 1989: 40).

Retomemos o comentário a essa particularmente duradoura definição do emergir das tonalidades da plural actividade interior como gestação de uma literatura plena, que passará a ecoar a partir de 1915 nas impressões epistolograficamente enviadas e recebidas por Fernando Pessoa. Um exemplo é a carta que Mário de Sá-Carneiro remete a 24 de Agosto de 1915, na qual o pano de fundo é uma vez mais a persistência da crise pessoana e da necessidade que este tem de a comunicar. Conforme observou Arnaldo Saraiva, o impulso pessoano

<sup>10</sup> Para uma história da evolução terminológica pessoana, e das suas diferentes explicações etimológicas, cf. Pizarro (2009: 75-77).

permanente para a "obsessão da auto-análise e da autognose" ou "simulação disso" abrange "não a pessoa exterior, social, ou da aparência – antes a pessoa mental e psíquica" (Saraiva, 1982: 3).

Identificando as questões que afectam Pessoa com as suas próprias considerações literárias, o autor de *Céu em Fogo* alarga significativamente o imaginário de individualidade totalitária, partindo do mesmo imaginário espacial que em Pessoa é coevo da heteronímia (ou da sua manifestação embrionária) pelo menos desde 1913, para lhe dar proporções nacionais e mesmo civilizacionais, sempre a partir da "pobre cabeça" em movimento expansivo:

É assim meu querido Fernando Pessoa que se estivéssemos em 1830 e eu fosse H. de Balzac lhe dedicaria um livro da minha Comédia Humana onde você surgiria como o Homem-Nação – o Prometeu que dentro do seu Mundo Interior de génio arrastaria toda uma nacionalidade: uma raça e uma civilização.

(Sá-Carneiro, 2001: 200)

Parece-nos de salientar ainda, e com particular importância, que, à semelhança dos dois casos anteriores que comentámos, Sá-Carneiro sobrepõe o processo e as emanções peculiares dele, umbilicalmente ligados. Pessoa, em 1913, referia-se a um estado de movimento intelectual profundamente agitado antes de elencar os exemplos de diferente ordem que lhe davam expressão; em 1915, partilhava com Côrtes-Rodrigues o movimento de regresso a uma ordem conjunta de todas as aquisições que a dispersão conquistara, antes de assinalar os três heterónimos nucleares como parte de uma grande missão por ele potenciada, que se foi desenvolvendo em grande medida à margem do percurso editorial e que hoje é um dos mais instigantes núcleos da cultura portuguesa; Sá-Carneiro dissocia, de forma que nos parece extremamente oportuna, o processo geral e as manifestações restritas que lhe dão corpo mas que não o esgotam:

Nunca, como lendo as suas páginas hoje recebidas eu compreendi a misteriosa frase do protagonista do "Eu-Próprio o Outro!" "Ter-me-ia volvido uma nação?" Já o ano passado de resto numa carta para aqui foi você o primeiro a aplicar esta frase a si. Mas era, creio, pelo aparecimento de Caeiro & C.<sup>a</sup> – isto é, restritamente: da criação de várias personalidades. Enquanto que eu aplico hoje a frase, senti-a lendo as suas páginas, não por essas várias personalidades, e o Dr. Mora à frente, criadas: mas, em conjunto, pelo drama que se passa no seu pensamento: e por toda a sua vida intelectual – e até social, que eu conheço.

(Sá-Carneiro, 2001: 200).

A correspondência permite também evidenciar que Fernando Pessoa considerava este procedimento como algo que era essencial não apenas à sua actividade criadora mas também aos amigos que considerava merecedores da sua atenção. Conhecido que é o caso de Violante de Cysneiros – embora os pormenores exactos de como se deu essa criação não sejam particularmente documentados

epistolograficamente, salvo numa carta que o breve heterónimo feminino de Armando Côrtes-Rodrigues enviou a Fernando Pessoa para (significativamente) conseguir junto de Álvaro de Campos a avaliação de "algumas produções poéticas da minha auctoria" (*apud* Silva, 2004: 314)<sup>11</sup>, vejamos uma carta que Fernando Pessoa dirigiu a Francisco Fernandes Lopes, a 16 de Abril de 1919, na qual existe uma verdadeira pedagogia das virtudes desse fenómeno. Referindo-se, no âmbito do Núcleo de Acção Nacional a que ambos pertenciam, à composição de artigos para um periódico que Manuela Parreira da Silva aproxima potencialmente do projecto de *Portugal*, "a ser publicado em Londres, durante o ano de 1919, conforme plano do poeta" (Pessoa, 1999a: 448) que, como tantos outros, nunca se concretizaria, o autor de "Chuva Oblíqua" tece as seguintes considerações:

É conveniente, no caso de se empregarem pseudónimos, fazê-lo segundo um sistema, dando a cada pseudopersonalidade um certo número de atribuições constantes; isto, simplesmente, para não destruir a estética da pseudonímia, e se os pseudónimos forem nomes portugueses, com aparência de nomes reais, para manter o carácter dramático que essa obra impõe, o entre-destaque das diversas "pessoas".

(Pessoa, 1998: 277)<sup>12</sup>

São especialmente luminosas as noções de "sistema" e de "carácter dramático" que Pessoa utiliza para descrever essa necessidade de aprofundamento dos meros pseudónimos, essenciais para a sua visão da heteronímia enquanto mundo autónomo dialogante que se vai gerando e fundamentando sistematicamente sob a forma de um "drama que se passa no seu pensamento", como Mário de Sá-Carneiro exemplarmente sumariou. A 7 de Novembro de 1942, num número da *Seara Nova*, Francisco Fernandes Lopes explicaria:

---

<sup>11</sup> Para uma leitura das justificações que conduziram à adopção de Violante de Cysneiros como um dos ingredientes mais singulares de *Orpheu 2*, remetemos para o ensaio "A Mulher que Nunca Foi: para um Retrato Bio-Gráfico de Violante de Cysneiros", de Anna Klobucka (1990), que a ensaísta retomou em *Assuntos Órficos*, sugerindo possíveis ligações entre a figura de Cysneiros e o contexto decadentista de uma obra como *Nova Sapho*, do Visconde de Vila-Moura, de 1912; e para a "Notícia Crítica e Biográfica de Armando Côrtes-Rodrigues", com que Eduíno de Jesus apresenta a *Antologia de Poemas* de Armando Côrtes-Rodrigues e em que comenta largamente aquele que, como referimos, considera um pseudónimo do poeta açoriano e um dos mais relevantes elementos de aproximação entre as distintas vertentes da sua evolução poética.

<sup>12</sup> Este excerto é também muito esclarecedor a respeito da persistência em Pessoa da pseudonímia como sinónimo do processo para o qual posteriormente cunharia o termo "heterónimo", sobretudo se atentarmos na implícita noção de que o próprio termo "pseudónimo" pode representar procedimentos distintos, alguns dos quais mais adequados à poética pessoana.

Duas cartas méditas de Fernando Pessoa

Remoçado papéis antigos, encontro estas duas cartas do malogrado Fernando Pessoa...

Não posso precisar nem quando nem onde começaram as suas relações... talvez pelo que os espíritos amigos...

Ora, eu concordo a título de Bergson pelo Exat ser a mesma imutabilidade de la conscience...

facil, racional e nacional, em leituras, mas do qual nem sequer ajuda a livrar-se a contradição...

Uma última circunstância, cujo significado me parece de fazer vermetoso marcado com estes heráldicos...

Um grupo "intelectual", que se organizou recentemente, e do qual sou secretário, decidiu em preterir a publicação de uma revista portuguesa...

é, que tenho andado imensamente atarefado, mas não quero deixar passar de hoje a resposta que lhe devo...

Como attitude geral temos esta apenas: a criação de uma cultura portuguesa; e procuramos criar essa "cultura" positiva e negativamente...

Esta orientação é suficientemente larga, julgo, para que nela possam caber numerosas teorias, numerosos pontos de vista...

Não dou estes pontos, mesmo assim bastante definidos, como essenciais; o essencial é que a principio lhe explique, sobre a essência, constructiva como destrutiva, do movimento...

Que, embora, para fins de rigor, seja bom que se cante pelo destrutivo, também interessa, e muito, que se vá construído...

Quantos pseudônimos, pode v. usar os que quiser, também. É essencial, porém, que sejam nomes portugueses (por a revista ser feita no sentido estreito de uma "cultura germanica" a portuguesa...

Quantos pontos, e importante. V. continue guardando, sobre todos os pontos, de alguma essência os atributos do ponto, o mais rigoroso silêncio...

SEARA NOVA

SEARA NOVA

consideração. Temos as cousas preparadas para que o número inicial da revista seja coisa de pulso firme...

Se me dirjo a v. sobre este assunto, e que não esqueci aquelas horas magnificas em que v. sob a arcada do Flanar Nacional, desfilou a lousa...

Para escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

Para me escrever, basta assim: Fernando Pessoa, Apartado 147, Lisboa.

SEARA NOVA

Fig. 3 Francisco Fernandes Lopes, "Duas Cartas Méditas de Fernando Pessoa", in Seara Nova, n.º 795, 7 de Novembro de 1942, pp. 296-297.

Para a devida compreensão da multiplicação das personalidades, por pseudo-ou heterónimos, convém recordar que uma revista francesa se publicara, por essa época, neste estilo múltiplice, integralmente escrita por um homem só, tratando os mais diversos assuntos de literatura, artes e ciências... Eu também estive para me pluralizar, dada a minha visceral tendência enciclopédica...; mas, com Câmara Reis, apenas projectei uma blague: o poeta filósofo Frederico Syra cuja versalhada moderníssima se conteria no *Relicário* que o defunto nos legara e a cuja publicação se anteporia uma biografia ilustrada com retratos de várias pessoas e idades que amareleceriam num quiosque do Jardim do Patriarcal, apensando-se-lhe obras filosóficas da minha fabricação que revelariam em Syra um precursor de Bergson!... Enfim, rapaziadas inofensivas, sem consequência - e que, pelo menos, de facto, não mistificaram ninguém (Lopes, 1942: 296).

Parecem-nos algo simplistas e generalizadoras estas concepções acerca do fenómeno, reduzindo-as à mera necessidade de conseguir colaboradores suficientes para uma determinada publicação, a uma "visceral tendência enciclopédica" ou a uma simples tentativa mistificadora e inofensiva. André Rocha, referindo-se ao primeiro destes aspectos, dimensiona muito melhor a importância relativa dessa componente:

Embora tenha tomado depois proporções infinitamente mais complexas, é possível que a raiz concreta da heteronímia resida na propensão, tão manifesta em Pessoa, de sonhar com obras colectivas de afirmação literária, para a consecução das quais tinha de se desdobrar em identidades diversas.

(Rocha, 1985: 404-405)

Além de que, sendo certo que nem todos os "saberes enciclopédicos", mesmo os de intelectuais com algum talento, dão origem a uma obra tão complexa, será de lembrar a acérrima recusa por Fernando Pessoa, expressa na carta a Côrtes-Rodrigues de 19 de Janeiro de 1915 e sugerida em algumas considerações de Sá-Carneiro, dessa "acção grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer *épater*" (Pessoa, 1999a: 141).

Vejamos agora algumas missivas em que se percebe que o emergir de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e outras personalidades heteronímicas evolui tendo em conta, pelo menos parcialmente, e no que respeita apenas a estes primeiros meses de definição, a partilha comunicativa com Mário de Sá-Carneiro, Côrtes-Rodrigues e outros companheiros órficos. As cartas são documentos que contribuem, entre outros aspectos, para desconstruir a mitologia do "dia triunfal", erguido precisamente nos mesmos moldes epistolográficos, duas décadas mais tarde. Em carta de 4 de Outubro para Côrtes-Rodrigues, por exemplo, é bastante clara a indefinição quanto ao conteúdo da "Ode Triunfal", pois Pessoa refere-se ao "trecho 'à Noite' da *Ode Triunfal* n.º 3 de Álvaro de Campos" (Pessoa, 1999a: 126)<sup>13</sup>, que não faria parte da versão publicada em *Orpheu* sem

<sup>13</sup> É quase certo que esta é uma referência aos "Dois Excertos de Odes", de Álvaro de Campos, que, como é conhecido, não integram a versão final de "Ode Triunfal", conforme publicada em *Orpheu* 1.

qualquer articulação em "trechos", e mesmo relativamente à atribuição de um poema como "Chuva Oblíqua", aqui pertencente a Campos, mas que seria incluído em *Orpheu 2*, com Fernando Pessoa como autor. É evidente nesta circunstância de indefinição da "mobilidade deste teatro existencial" (Pessoa, 2013: 16) que é a obra pessoana, implicando verdadeiras migrações de autoria e diferentes reestruturações de uma sucessão de projectos sempre em aberto, conforme também poderá ser percebido na recente tese de doutoramento de Pedro Sepúlveda, por exemplo quanto aos planos para a obra de Caetano (2014: 106-107).

A 15 de Junho de 1914, Mário de Sá-Carneiro manda "Saudades ao nosso Alberto Caetano" – o que, dado o facto de ser a primeira referência que neste diálogo epistolográfico se faz a um dos heterónimos, poderá sugerir que, pelo menos em termos de conhecimento colectivo, o Mestre terá sido o primeiro, coincidindo os dias de Março em que "O Guardador de Rebanhos" ganhou forma com a presença do exilado parisiense em Lisboa. Só cinco dias depois surgirá a primeira (e desde logo plena de entusiasmo) referência a Álvaro de Campos, por via da recepção da "Ode Triunfal" que miticamente Pessoa dataria do mesmo dia 8 de Março de 1914 em que Caetano e Reis se haviam plenamente entrevistado e definido:

Não sei em verdade como dizer-lhe todo o meu entusiasmo pela ode do Álvaro de Campos que ontem recebi. É uma coisa enorme, genial, das maiores entre a sua obra – deixe-me dizer-lhe imodesta mas muito sinceramente: Do alto do meu orgulho, esses versos são daqueles que me indicam bem a distância que, em todo o caso, há entre mim e você.

(Sá-Carneiro, 2001: 108)

É curioso verificar que, pelo menos nestes primeiros contactos, o amigo não está ainda muito convencido da profundidade das implicações estéticas, identitárias e filosóficas do projecto pessoano em pleno desenvolvimento, pois, depois de largamente descrever a "Ode Triunfal" como síntese perfeita da sua época, acrescentando comentários aos versos que mais o fascinaram, Sá-Carneiro nota: "A minha pena, confesso-lhe, é só uma: que não seja o nome de Fernando Pessoa que se escreva debaixo dela – isto apesar de todas as considerações" (Sá-Carneiro, 2001: 109).

O contributo desta correspondência chegada de Paris para a devida compreensão da criação (ou pelo menos do estado de aperfeiçoamento que levaria Pessoa a estar apto a dá-los a conhecer) de cada um dos heterónimos e da posterior inserção deles num projecto com um alcance mais vasto é bastante expressivo nas duas remessas seguintes, de 23 e 27 de Junho. Na primeira, chocando novamente com o mito que Fernando Pessoa produziria duas décadas depois (apesar de nos parecer evidente que Pessoa não terá dado a conhecer na sua completa extensão, pelo menos no que respeita a este interlocutor, o projecto que a crise destes meses configura), Sá-Carneiro dá "as minhas mais sinceras felicitações pelo nascimento do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ricardo Reis por quem fico ansioso de conhecer as obras que segundo me conta na carta repousam sobre ideias tão novas, tão interessantes e originais – e sobretudo grande porque são muito simplesmente de Fernando Pessoa" (Sá-

Carneiro, 2001: 110-111). Parece persistir ainda a mesma tendência para lembrar insistentemente que, apesar da qualidade dos projectos, o destaque deve recair sobre o criador de tudo – poderíamos até perguntar-nos se esta não terá sido uma de várias causas que, concordando com a leitura de Nuno Amado já proposta, teriam conduzido à relativa diferença de rumos de Pessoa relativamente aos seus companheiros de *Orpheu*. Quatro dias depois, o poeta de *Dispersão* exprime as primeiras reacções – plenas de lucidez crítica, como habitualmente – à heteronímia entendida enquanto conjunto organizado de acordo com uma dinâmica interna de cariz dramático, ao mesmo tempo que reincide na problematização da validade desse projecto – ainda de acordo com a ideia de que se trata de “pseudónimos”, o que concorda com a própria designação pessoana desta fase. É nesta carta, também, que pela primeira vez destaca Campos do conjunto:

Muito interessante o enredo Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos (devo dizer-lhe que simpatizo singularmente com este cavalheiro). Acho-o perfeitamente maquinado, soberbo – mas entretanto será bom não nos esquecermos que toda essa gente é um só: tão grande, tão grande... que, a bem dizer, talvez não precisasse de pseudónimos... Mas em suma tudo quanto há de mais lúcido, mais interessante, mais natural. Que bela página de história literária!...

(Sá-Carneiro, 2001: 115)

Apesar da sua morte prematura, Sá-Carneiro terá sido aquele que mais vertentes dos bastidores do laboratório heteronímico terá conhecido. As cartas documentam que, aquando da sua morte, estaria a par, além de dos três heterónimos principais e do “drama em gente” que lhes dava corpo, também dos primeiros esboços do que constituiria o *Livro do Desassossego* (o primeiro texto, “Na Floresta do Alheamento”, foi publicado em Julho de 1913, na revista *A Águia*), dos textos ensaísticos em prosa de Ricardo Reis e de dois outros dos heterónimos com mais amplitude, Raphael Baldaya e António Mora, documentos que só seriam conhecidos por exegetas muito posteriores à morte de Pessoa. O mês de Julho de 1914, quanto a nós, é, tal como o anterior, um verdadeiro “mês triunfal” em termos de planeamento, recepção e introdução nos domínios da vida real das criações pessoanas. As cartas sucedem-se ao habitual ritmo quase obsessivamente exigido por um interlocutor como Sá-Carneiro e em todas elas este assunto ganha novas vertentes. A 5 de Julho, avalia a obra de Campos em relação com as dos outros dois e com a unidade que lhes subjaz – “nota-se também evidentemente pela sua leitura que o Campos conhece bem a obra de Ricardo Reis e do Caeiro dos quais ressumam influências. Continuo a dizer, meu amigo, que as produções do Alvarozinho vão ser das coisas maiores do... Pessoa” (Sá-Carneiro, 2001: 121-122); a 18 de Julho, deixa perceber que também estaria eventualmente a par da estrutura familiar atribuída a Ricardo Reis, uma vez que refere o trabalho de crítico literário do “mano Reis”, ou de uma faceta do discípulo de Caeiro não votada ao neopaganismo – “Gostaria muito, se fosse possível, conhecer o que sobre mim (e

sobretudo o interseccionismo e Caeiro e C.<sup>a</sup>) o mano Reis escreveu" (Sá-Carneiro, 2001: 128); e, a 20 de Julho, mostra conhecer a dimensão complexa, de puro questionamento identitário, que Pessoa confere à vivência dos seus fenómenos interiores – "Extremamente curioso o que me diz sobre o seu desdobramento em vários personagens – e o sentir-se mais eles, às vezes, do que você próprio. Efectivamente descreve bem talvez esse estado o: "Ter-me-ia volvido nação?" (Sá-Carneiro, 2001: 132).

Na já comentada carta de 24 de Agosto de 1915, a figura de António Mora é devidamente integrada no enredo, e com um surpreendente lugar de destaque – refere-se a "essas várias personalidades, e o Dr. Mora à frente, criadas" (Sá-Carneiro, 2001: 200). E Raphael Baldaya, última manifestação do desdobramento pessoano de que Sá-Carneiro terá tido conhecimento, é mencionado numa carta de 24 de Dezembro de 1915, com o tom menos sério que de alguma forma lhe assiste, e com o equívoco de o dar como "astrónomo" e não de acordo com a sua verdadeira profissão de astrólogo. Essa carta é também fundamental por constituir talvez o mais saliente destaque de Álvaro de Campos face a todos os outros compartimentos do amigo e, sobretudo, ao próprio Pessoa, assim como uma eloquente demonstração de que estavam previstos prolongamentos sucessivos do projecto pessoano:

Álvaro de Campos, meu caro amigo, não é maior com certeza que Fernando Pessoa, mas consegue ser mais interessante. Sempre que tenha versos seus, do engenheiro ou doutro qualquer menino não deixe de mos enviar. A sua incarnação em Rafael Baldaya, astrónomo de longas barbas é puramente de morrer a rir.

(Sá-Carneiro, 2001: 249)

Este destaque que Sá-Carneiro dá ao engenheiro sensacionista, o único dos heterónimos que integrou as páginas dos dois números publicados de *Orpheu*, representa exemplarmente a vertente mais vanguardista e provavelmente mais devedora de intenções provocatórias e dignas do desejo de *épater*, e talvez explique os motivos para que só a partir de Outubro de 1924, nas páginas de *Athena*, os outros heterónimos que o autor de "Manucure" conhecera há uma década tivessem sido dados à estampa, num claro contraste de atitudes e de objectivos entre dois momentos do percurso pessoano e provavelmente também do imaginário conferido ao domínio dos heterónimos.

Os meses de Junho e de Julho de 1914 revelar-se-iam capitais na elevação dos heterónimos a personalidades com intervenção no mundo real, de acordo com uma dinâmica que fez deles um código grupal mantido dentro de um certo secretismo que Pessoa parecia exigir e os restantes compreender perfeitamente – a 23 de Junho, Sá-Carneiro sossegava-o, garantindo não ter "iniciado" (palavra extremamente sugestiva, que faz dos poucos conhecedores uma espécie de eleitos de um culto estabelecido em torno do seu líder orientador) José Pacheco, futuro

companheiro de *Orpheu*, em Caeiro (Sá-Carneiro, 2001: 113) e a 13 de Julho lamenta que a informação sobre o Mestre dos heterónimos tenha transpirado junto de Fernando Lopes, pois "nunca devemos ter confidências com quem 'não é dos nossos', não nos compreende..." (Sá-Carneiro, 2001: 127). É nesta ocasião que se dá, por exemplo, a brincadeira mantida com o conhecimento de Pessoa, Sá-Carneiro, Alfredo Guisado e Côrtes-Rodrigues, que tem os três heterónimos principais e a necessidade de os tornar verosímeis como núcleo. A carta de Alfredo Pedro Guisado datada de 27 de Julho de 1914 é particularmente interessante, pois mantém uma ambiguidade peculiar relativamente ao destinatário, deixando-o numa aparente zona intermédia entre Pessoa e Campos:

Estimei bastante saber que o Alberto Caeiro tivesse escrito uma poesia, porque me deixou ver que êle ainda escreverá mais do que o "Guardador de Rebanhos", o que é deveras agradável para nós que o conhecemos e o admiramos.

Estou desejo de ler a sua última poesia, bem como as odes de Ricardo Reis. Não se esqueça de mas enviar. Bem sabe que esses tres personagens os tenho numa grande admiração e que sempre espero com ansiedade novas produções.

(Pessoa, 1996: 205-206; BNP/E3, 115<sup>2</sup>-64)

Numa primeira leitura poderíamos aproximar o interlocutor um pouco mais de Pessoa – uma vez que as "três personagens" poderiam remeter para os três heterónimos em plena actividade na ocasião, muito embora Caeiro e Reis estejam explicitamente referidos e Campos não. Contudo, a frase seguinte inverte esta leitura, introduzindo a figura pessoana e as escolas literárias de que era impulsor no seio do "drama em gente":

Diga ao Fernando Pessoa (não sei se você o conhece), que se não esqueça de concluir os «Passos da Cruz», que o paúlismo os reclama, e exige que os conclua. É necessário pois que abandone por dias as tais teorias sociologicas para regressar um pouco á forma-côr! Digalhes (*sic*) isto, que êle certamente pensará um pouco e então, com alguma boa vontade, torna-se novamente o mestre Pessoa, o chefe do interseccionismo.

(Pessoa, 1996: 206; BNP/E3, 115<sup>2</sup>-64)

A ambiguidade torna-se ainda mais assinalável tendo em conta o restante conteúdo da carta, que faz referência aos projectos que conduziram a *Orpheu*, ao estado de espírito problemático de Sá-Carneiro e a outros assuntos e amigos da época com o mesmo tipo de intimidade e de considerações que se encontram nas cartas regulares dirigidas a Pessoa. O que nos permite questionar-nos se o destinatário seria Campos (o tom geral do documento não aponta particularmente para um interlocutor com as características específicas do engenheiro sensacionista) ou, com outra profundidade, se não se trataria de uma brincadeira singular de Guisado cindindo a identidade de Fernando Pessoa entre o destinatário habitual das cartas, o produtor das "teorias sociologicas" e uma projecção particular deste identificada como "o chefe do interseccionismo". É um

exemplo perfeito desse fenómeno que Manuela Parreira da Silva identifica na correspondência entre os dois directores do *Orpheu 2*, no qual "a vida se confunde com a literatura, assim como se dissolvem, ao nível do enunciado, as fronteiras entre a realidade e a ficção" (Silva, 2004: 266).

Guisado foi, de facto, um dos mais ricos intérpretes das potencialidades que a heteronímia poderia alcançar. Uma carta de 1 de Outubro de 1914, integrada na sequência em que Pessoa e os amigos prepararam uma partida a António Ferro, procurando convencê-lo da existência real de Alberto Caeiro, é ao mesmo tempo uma exemplar percepção do posicionamento dos heterónimos relativamente ao grupo de *Orpheu* e à sua poesia e, assim, dos motivos que terão levado Caeiro a não ser seriamente contemplado aquando da definição dos colaboradores dessa vertente do percurso literário pessoano. Descrevendo uma estada em Mondariz, na Galiza em que tinha raízes, Guisado comenta o encontro com "aquêl indivíduo que se chama não sei quê Caeiro e que já por cartas e por mais duma vez, em Lisboa, lhe falei dêle. Estivemos falando um pouco. É um indivíduo deveras esquisito". O teor da conversa, inevitavelmente, passara por assuntos literários: "Citei-lhe o seu nome e o do Sá-Carneiro, dizendo-me êle que já os conhecia e que embirrava imenso com a nova escola. Recitei-lhe versos seus e do Sá-Carneiro e o homem parece que não gostou muito, por isso lhe não falei nos meus (versos)". O poeta de *Orpheu* introduz também Campos no mesmo domínio do debate acerca da poesia nova, numa espantosa coerência, quer relativamente à estrutura do "drama em gente", quer à futura integração do engenheiro nos projectos do grupo: "Falou-me num tal Campos, que me disse ser um poeta de muito valor. Enfim, quando eu regressar a Lisboa, falaremos mais alguma coisa acerca dêste indivíduo que talvez seja um grande poeta, mas que por ora é enigmático" (Pessoa, 1996: 206-207; BNP/E3, 115<sup>2</sup>-68). Encenação que tem ainda maior alcance se pensarmos que, numa carta de 8 de Outubro, Mário de Sá-Carneiro entra naturalmente no jogo colectivo, numa também riquíssima flutuação de registos dentro do próprio conjunto das suas missivas, nas quais Caeiro é mencionado como parte de um projecto literário que o amigo lhe expõe e como entidade exterior a esse plano, como um desconhecido potencialmente aproximável aos alvos do desprezo do grupo de *Orpheu* – "O Guisado fala-me na carta a que ontem me referi, dum poeta Caeiro ou o que é, que diz mal da gente e encontrou entre galegos. Se calhar é mais um lepidóptero e provinciano!" (Sá-Carneiro, 2001: 155). No intervalo entre estas duas missivas, a 4 de Outubro, Pessoa explicara a Côrtes-Rodrigues o percurso da mistificação colectiva:

1A/38 115<sup>2</sup>-64  
24-7-1914

Meu caro amigo

Recebi a sua carta que muito lhe agradeço. Estive bastante satisfeito com a carta de Alberto Grazioplene escrito uma poesia, porque me deixou ver que ele ainda escreverá mais do que o "Guardado de Rebouças", o que é deveras agradável para nós que o conhecemos e o admiramos.

Estou desistindo de ler a sua última poesia, tem como as outras do Ricardo Reis. Não se esqueça de mandar para mim. Bem sabe que se os personagens o tenho numa grande admiração e que sempre espero com ansiedade nova produções. Diga ao Fernando Pessoa, não sei se você o conhece, que se não esqueça de concluir o "Pau da Lora", que o publicamos o relata, e exige que o conclua. É necessário pois que abandone por dia, as tais teorias sociológicas para regressar um pouco à forma-côr. Diga-lhe isto, que ele certamente pensará um pouco e sentará, com alguma boa vontade, a forma e monumentos o mestre Tasso, o chefe da

417-7-14

aguardo, mas não

interseccionismo. Quando for necessário, isto você bem sabe que é só dizer. A "Europa" é absolutamente necessário que seja a mais breve possível. Eu, por aqui me tenho arrastado lepidopterauente, pouco ou nada produzido. Escrevi as duas últimas "Chagas de Cristo", que juntamente lhe envio. Você julgará. Creio que a melhor, pelo menos é a que mais me agrada, é o "Sonho de Cristo". Quando puder, mande dizer as suas impressões. Existiram-me devesas, também o que você me diz do Sci. Pa. novo.

Recebi ontem carta dele, mas nada me diz a esse respeito. Tencoro escrever-lhe amanhã, mas não me referir a seu assunto, porque calculo que você não que que ele saiba que ~~me~~ me contou. Logo que ele me faça ver qualquer coisa, nesse sentido, imediatamente tentarei devolvê-lo de tal ideia. Agradeço-me bastante porque já uma vez, muito falamos, estivemos vendo

24-7-1914

Meu caro amigo

que é um final que quase se deixa ver. Pergunta-me ele na carta que me enviou, pelo menos Fernando, como vai ele? Seu produzido? Anvisa-me o Sci. Pa. mais duas quadras que são muito interessantes e que se destinam, segundo me diz, a uma futura poesia.

Você agora não se esqueça de escrever e de me mandar não só a poesia do laçador como também as outras do Ricardo Reis.

Mu grande abraço do seu muito amigo e muito admirador

Alfredo Pedro Guisado

PS. - Já reparou que o Cayola não há mais de falar no meu livro? Por que diacho será? Os versos que lhe envio poderão ser ao Fernando, mas não são o facto de o não ler ao Carvalho Mourão. Já sabe a razão porque se viu o lator Rodriguez, pelo o favor de lhe dar saudades.

24-7-1914

Meu caro amigo

que é um final que quase se deixa ver. Pergunta-me ele na carta que me enviou, pelo menos Fernando, como vai ele? Seu produzido? Anvisa-me o Sci. Pa. mais duas quadras que são muito interessantes e que se destinam, segundo me diz, a uma futura poesia.

Você agora não se esqueça de escrever e de me mandar não só a poesia do laçador como também as outras do Ricardo Reis.

Mu grande abraço do seu muito amigo e muito admirador

Alfredo Pedro Guisado

PS. - Já reparou que o Cayola não há mais de falar no meu livro? Por que diacho será? Os versos que lhe envio poderão ser ao Fernando, mas não são o facto de o não ler ao Carvalho Mourão. Já sabe a razão porque se viu o lator Rodriguez, pelo o favor de lhe dar saudades.

Fig. 4.1. A carta de Alfredo Pedro Guisado de 27-07-1914 (BNP/E3, 115<sup>2</sup>-64).

1A/39 115<sup>2</sup>-65

Madalena

No mar Morto, em silêncio, os nau sentidos  
Com os remos e mastros destruídos,  
Vão regressando ao cais.

É nas últimas naus, os olhos teus  
Procuram Cristo no rochedo frios.  
É ainda está longe o cais!

Braco ao céu...  
Nem um baço de luz no pinheirais sombrios.

Era a hora em que Cristo vinha ouvir  
A consolência mística das águas...  
O luar era um braco de Afribo.

Do seus olhos cansados, barcos - mágoas  
Partiam para o longe. A sombra dum emir,  
Dum velho emir riquíssimo, partia  
Em naus vestidas de damasco e seda.

É Cristo não cabia  
Se essas naus caminhavam no mar Morto,  
Se eram grossos mortos no lombo.

Na alma de Jesus, uma alameda  
Meditava palácios no Oriente...

É de tanto fitar as águas do mar Morto,  
O olhar de Cristo aborreceu em lago...

Deus ao ver-se distante é quimo vago...  
A voz das fontes torna-se morena.  
No silêncio da Noite passa alguém.  
Súnicamente branca... Ohora... É Madalena,  
Sombra de Jerusalém...

As horas passaram...  
Silências evocaram...  
Nos seus olhos medita a solidade.  
É mãos que não tiveram véus de luar  
Abrem na dor  
Portas de bronze, adormecidas portas...

Vê-me luz... arqueio-me em saudade...  
Sinto palpores de Deus nas horas mortas!

Sombra de Cristo

Arqueio-me em mim, nas sombras derradeiras  
De meu peito, uma chaga aberta em Anis e Sombra,  
Nos meus olhos de dor desmaiaram oliveiras...  
Nossa Senhora da Sombra!

As minhas mãos sem luar já corham estar pregadas  
Minha fronte se inclina em beijos de agonia.

Nos meus lábios há fel em tacas profanadas  
Os meus dedos, alínd, gotejam sangue-Dia!

Eu hei-de apolhar-me ao pé de mim, cansado,  
E quando nhe inclinar na Cruz, abandonado,  
A luz regressará, de Noite, aos olhos meus...

É quando-me de mim, irei, penumbra-Alma,  
Pender-me em Sombra-Cruz numa alameda calva.  
Regressarei à Cruz, que a minha Cruz é Deus!

Alfredo Pedro Guisado

Nos meus lábios há fel em tacas profanadas  
Os meus dedos, alínd, gotejam sangue-Dia!

Eu hei-de apolhar-me ao pé de mim, cansado,  
E quando nhe inclinar na Cruz, abandonado,  
A luz regressará, de Noite, aos olhos meus...

É quando-me de mim, irei, penumbra-Alma,  
Pender-me em Sombra-Cruz numa alameda calva.  
Regressarei à Cruz, que a minha Cruz é Deus!

Alfredo Pedro Guisado

Fig. 4.2. A carta de Alfredo Pedro Guisado de 27-07-1914  
(BNP/E3, 115<sup>2</sup>-65).

1<sup>o</sup>-10-1914

115<sup>2</sup>-66

115<sup>2</sup>-68

Meu caro amigo

Mais uma carta lepidoptera, mais uma carta igual às que costumamos mandar. Não tenho tido tempo de escrever, por isso os versos emigraram por um pouco. Recebi a carta que você me tinha enviado para cá. Amanhã ou depois escreverei ao Sá-Carneiro. Se o senhor dê-me muitas saudades minhas. Estive ontem em momentos em Mondair, conversando com o Romão Peinador. E no Parque apareceu também aquele indivíduo que se chama não sei quê Cairo e que já por cartas e por mais duma vez, me fez boa, me falei dele. Estivemos falando um pouco. É um indivíduo deveras esquisito. Desejaria até que você ou o Sá-Carneiro o conhecesse. Falamos de poetas novos. Citei-lhe o seu nome e o do Sá-Carneiro, dizendo-me ele que já os conhecia e que elubirava inclusive com a nova escola. Recitei-lhe versos seus e do Sá-Carneiro e o homem parece que não gostou. Por isso me não falei nos meus. Disse-me que vai publicar um

Fig. 5.1. A carta de Alfredo Pedro Guisado de 01-10-1914 (BNP/E3, 115<sup>2</sup>-67<sup>o</sup> e 68<sup>o</sup>).

livro brevemente, prometendo-me até um  
 exemplar. Não me disse porém, nenhuma  
 das poesias desse livro. Ignoro portanto  
 se o homem tem valor ou não, em todo  
 o caso deu-me a impressão que ele não  
 é nada lepidoptero. Falou-me num tal  
 Campos, que me disse ser um poeta de  
 muito valor. Enfim, quando eu regressar  
 a Lisboa, saberei mais alguma coisa  
 acerca deste individuo que talvez seja  
 um grande poeta, mas que por ora é  
 enigmatico.

Um grande abraço do seu muito  
 amigo e muito admirador

Alfredo Pedro Guisado

Fig. 5.2. A carta de Alfredo Pedro Guisado de 01-10-1914  
(BNP/E3, 115<sup>2</sup>-67<sup>v</sup> e 68<sup>v</sup>).

Como a única pessoa que podia suspeitar, ou, melhor, vir a suspeitar, a verdade do caso Caeiro era o Ferro, eu combinei com o Guisado que ele dissesse aqui, como que casualmente, em ocasião em que estivesse presente o Ferro, que tinha encontrado na Galiza "um tal Caeiro, que me foi apresentado como um poeta, mas com quem não tive tempo de falar", ou uma coisa assim, vaga, neste género. O Guisado encontrou o Ferro acompanhado de um amigo, caixeiro-viajante, aliás. E começou a falar no Caeiro, como tendo-lhe sido apresentado, e tendo trocado duas palavras apenas com ele. "Se calhar é qualquer lepidóptero" disse o Ferro. "Nunca ouvi falar nele..." E, de repente, soa, inesperada, a voz do caixeiro viajante: "Eu já ouvi falar nesse poeta, e até me parece que já li alguns uns versos dele". Hein? Para o caso de tirar todas as possíveis suspeitas futuras ao Ferro não se podia exigir melhor.

(Pessoa, 1999a: 126)

Álvaro de Campos parece ter sido, contudo, o mais apto de todos os heterónimos a prolongar com diferentes realizações este esboço de integração na realidade literária e social do grupo. Talvez, como parece sugerir Richard Zenith, o facto de "a sua biografia ser mais desenvolvida" (Pessoa, 2007b: 15), e em virtude de também ser "o mais jovem e o mais prolífico" dos heterónimos criados (Pessoa, 2012b: 14) – e, acrescentaríamos, de ter uma postura mais acentuadamente mundana e irreverente, digna de um "dandy de estirpe maldita" (Pizarro, in Pessoa, 2012b: 14) – lhe garantisse uma maior amplitude de movimentos e lhe abrisse a porta de vertentes vedadas aos outros, como o tão comentado impacto do heterónimo na relação com Ofélia Queiroz. São suas as mais significativas cartas que "visam e, por vezes, conseguem transformar o real" (Silva, 2004: 28), tendo intervenção concreta no percurso individual e no daqueles que com ele colaboram e convivem.

Campos é essencial no desenvolvimento polémico e num certo condicionar do percurso da revista *Orpheu*. Esta intervenção começa com a missiva dirigida a 4 de Junho de 1915 ao *Diário de Notícias*, retirando um dos heterónimos do contexto restrito da literatura ou da convivialidade do grupo para o pôr em diálogo com instituições exteriores. Campos ataca com severidade os críticos do jornal, mostrando-se desde logo convicto da impossibilidade de ser compreendido por quem não possui a mesma riqueza intelectual dos membros de *Orpheu*, e insurgindo-se contra as correntes estéticas que haviam colado aos seus colaboradores. É muito importante esta dimensão que Pessoa atribui ao heterónimo, colocando-o não apenas a apresentar o contraditório de um grupo proficuamente atacado mas que praticamente não reagiu, mas também a destacar-se, como se ecoasse a carta de Alfredo Guisado em que aparece como um desconhecido com um percurso anterior bem expresso no radical individualismo que apregoa: "Eu, de resto, nem sou interseccionista (ou paúlico) nem futurista. Sou eu, apenas eu, preocupado apenas comigo e com as minhas sensações" (Pessoa, 1999a: 164). Quando, pouco mais de um mês depois, dirigindo-se a *A Capital*, Campos reincide, a sua atitude atinge um maior impacto no domínio do

real, ao atacar com ironia a figura de Afonso Costa, que sofrera um acidente no eléctrico – “Seria de mau gosto repudiar ligações com os futuristas numa hora tão deliciosamente dinâmica em que a própria Providência Divina se serve dos carros eléctricos para os seus altos ensinamentos” (Pessoa, 1999a: 167). É um momento que, mesmo que calculado, teria consequências evidentes no percurso da revista. Na sequência desta intervenção, Almada Negreiros, Sá-Carneiro, Alfredo Guisado e António Ferro acabariam por dessolidarizar-se do engenheiro, em especial os dois últimos (próximos do Partido Democrático de Afonso Costa), que se afastariam do grupo. É evidente que Sá-Carneiro aproveita a carta dirigida ao jornal para salientar alguns aspectos do projecto de *Orpheu*, conseguindo também caracterizar Campos de acordo com o perfil que lhe é próprio e sem nunca mencionar Fernando Pessoa: “De resto, o Sr. Álvaro de Campos procedeu tão individualmente que do seu gesto, nem sequer julgou dever dar prévio conhecimento a qualquer dos membros do comité redactorial do ORFEU” (Sá-Carneiro, 1992: 186-187).

Na sequência desta questão, Sá-Carneiro exprime uma preocupação que se reparte entre o próprio Pessoa e o engenheiro. Tendo enviado a rectificação a 7 de Julho, o quase subsequente regresso (definitivo) a Paris leva-o a dirigir três postais no dia 13, um que lhe é directamente dirigido e os dois com indicação expressa para que fossem entregues a Campos, constituindo o segundo – em jeito de reafirmação das afinidades entre os dois – uma adopção do seu estilo próprio: “Funiculares, as minhas ânsias de ascensão!... (à maneira de A. de Campos)” (Sá-Carneiro, 2001: 172). O impacto das acções públicas do engenheiro na vida do seu criador acentua-se e Sá-Carneiro tem plena consciência disso, representando a simbiose pela conjugação dos dois nomes: “Preocupe-me de resto com a morte do Afonso pela sua Vida, meu caro Fernando Álvaro Pessoa de Campos” (Sá-Carneiro, 2001: 175). Preocupação que se mantém na missiva de 30 de Agosto, em que sobressai o contraste entre as duas vertentes que nessa altura o engenheiro alcançara: “Fico interessadíssimo com o novo filme Álvaro de Campos, engenheiro. E inquieto: não sei se se trata com efeito de mero filme literário (obras) ou de filme de acção. E as acções do Engenheiro Sensacionista por belas e intensas – fazem-me tremer pelo meu caro Fernando Pessoa...” (Sá-Carneiro, 2001: 202). De resto, de acordo com a carta enviada no dia seguinte, em que comenta o panfleto «Carta a um Herói Estúpido» (publicada pela Ática em 2011), com que Pessoa ponderara atacar o capitão Francisco Xavier da Cunha Aragão, a inicial tendência para manter discretas reservas à necessidade operativa do “drama em gente” parece converter-se numa inversão de papéis assinalável, pois o engenheiro acaba por assoberbar-se no plano do imaginário de um determinado âmbito, mesmo quando Fernando Pessoa é apontado como autor: “no caso combativo, para mim, é o Campos que existe, e o Pessoa, o seu pseudónimo” (Sá-Carneiro, 2001: 205). A sugestão de Pessoa

como "pseudónimo" de um dos seus personagens ficcionais é particularmente interessante tendo em conta o percurso terminológico a que já nos referimos.

Seriam muitos outros os aspectos que poderíamos considerar, analisando a riquíssima correspondência pessoana em conexão com os companheiros de *Orpheu* e com outros importantes agentes do seu universo artístico e pessoal, e os muitos contributos dela para a compreensão da evolução da heteronímia, nomeadamente se o período abordado se prolongasse além de 1919, atentando em documentos como as cartas trocadas com Ofélia, na década de 20, ou os riquíssimos diálogos epistolares mantidos com os jovens presencistas, até aos últimos meses da vida do poeta. Concluiremos, contudo, e apesar de nos ter preocupado neste trabalho sobretudo a correspondência da década de 10, lembrando que foi também por via de uma carta que Fernando Pessoa terá deixado, na voz inconfundível do truculento engenheiro, aquele que é provavelmente o mais emotivo olhar de um heterónimo sobre o momento proteiforme de *Orpheu*. Trata-se da carta, datada de 17 de Outubro de 1922, dirigida a José Pacheco, director da *Contemporânea*, que anuncia sub-repticiamente a diferença dessa nova revista relativamente a *Orpheu*: "De si e de sua revista, tenho saudades do nosso *Orpheu*! [...] Estamos, afinal, todos no mesmo lugar. Parece que variamos só com a oscilação de quem se equilibra" (Pessoa, 1999a: 404). No fundo, os heterónimos correspondem exactamente a essas diferentes oscilações com que Pessoa procurou encontrar formas de se equilibrar entre as crises, tumultos e emanações criadoras que lhe ocuparam a existência e, na cumplicidade livre dos companheiros que conseguiram acompanhá-lo, definiram uma das mais instigantes inovações da Literatura Portuguesa.

## Bibliografia

- BAPTISTA, Abel Barros (2003). "O Espelho Perguntador. Sobre Crônicas e Diários", in *Coligações de Avulsos. Ensaios de Crítica Literária*. Lisboa: Cotovia.
- FEIJÓ, António (2015). *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- FERRARI, Patricio (2009). "A Biblioteca de Fernando Pessoa na Génese dos Heterónimos", in *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores, pp. 155-218.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore (1987). *O Álbi Infinito: o projecto e a prática na poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- JESUS, Eduíno de (1989). "Notícia Crítica e Biográfica de Armando Côrtes-Rodrigues", in *Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*. Edição de Eduíno de Jesus. Ponta Delgada: Instituto Cultural.
- KLOBUCKA, Anna (1990). "A Mulher que Nunca Foi: para um Retrato Bio-Gráfico de Violante de Cysneiros", in *Colóquio-Letras*, nº 117-118, Setembro, pp. 103-112.
- LOPES, Francisco Fernandes (1942). "Duas Cartas Inéditas de Fernando Pessoa", in *Seara Nova*, n.º 795, 7 de Novembro, pp. 296-297.
- MARTINS, Fernando Cabral (1997). *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Estampa.
- PESSOA, Fernando (2013). *Eu Sou Uma Antologia*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China.
- \_\_\_\_ (2012a). *Teoria da Heteronímia*. Edição de Richard Zenith e Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2012b). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. [Cf. *Álvaro de Campos – Obra Completa*. Lisboa: Tinta-da-china, 2014; colaboração de Filipa Freitas.]
- \_\_\_\_ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (1999a). *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1999b). *Correspondência: 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (1996). *Correspondência Inédita*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_ (2009) (ed.). *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores.
- ROCHA, André ([1965] 1985). *A Epistolografia em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.ª ed.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2001). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1992). *Cartas Escolhidas*. Edição de António Quadros. Mem Martins: Publicações Europa-América. Vol. II.
- SARAIVA, Arnaldo (1982). "Fernando Pessoa: auto- (e hetero-) imagem do génio", in *Persona*, n.º 7, Porto, Agosto, pp. 3-13.
- SEABRA, José Augusto ([1974] 1988). *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.ª ed.
- SEPÚLVEDA, Pedro (2014). *Os Livros de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática.
- SILVA, Manuela Parreira da (2004). *Realidade e Ficção: para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ZENITH, Richard (2007a). "Prefácio", in Fernando Pessoa, *Cartas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

\_\_\_\_ (2007b). "Prefácio, in Fernando Pessoa, *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*. Lisboa: Assírio & Alvim.